

ARTE COMO PRÁTICA DE FRONTEIRA

Renata Marquez

Uma conferência visual sobre linhas de abastecimento mundiais apresenta-se inicialmente como uma armadilha de sentido. São tantos os domínios do saber que poderiam se circunscrever ali quanto é inexistente uma forma cognitiva única que se submeta com perfeição a essa armadilha. Ao iniciarmos a perseguição pelo sentido de uma *conferência visual* somos conduzidos a aproximações radicais: teoria e imagem; pensamento e paisagem; conversa e percepção; ativismo e contemplação; profundidades e distanciamentos. E, ao lado e como propulsoras dessa conferência visual, estão as *linhas de abastecimento* ou *provisões*, capazes de aproximar, numa rápida análise, desenho e geopolítica; macroeconomia e microhistórias; produção e troca; exploração e apropriação; regulação e vida cotidiana.

A amplitude da empreitada de reflexão sobre tais termos se completa quando notamos que estamos abrigados na instituição *museu*: a conferência visual *Provisões*, na sua edição no Brasil, fala desde dentro do Museu de Arte da Pampulha, conversando com ele, sua equipe e seus visitantes. Assim, *Provisões* sugere um outro estatuto museológico possível ao empregar o museu como plataforma de pesquisa e registro compartilhado de novos processos artísticos e ao apresentar a arte como prática de fronteira.

O artista-pesquisador performatiza a fronteira¹ situada entre a arte e outros campos de estudo, propondo um construto que poderíamos definir como expositivo-epistemológico. Ainda que uma síntese visual entendida como proposta estética seja esperada, o desenvolvimento de um rico conteúdo descritivo-crítico sustenta a busca por linguagens híbridas em torno dos processos da água, do minério, do ouro, do arroz, da propriedade. Estamos diante de um modelo de artista que, apesar de

ART AS BORDER PRACTICE

Renata Marquez

A visual conference on world supply lines initially poses a trap in terms of its meaning. So many fields of knowledge could be covered by the term, just as there is no single cognitive form perfectly submitted to this trap. On pursuing the meaning of a *visual conference*, we are led toward radical approximations: theory and image; thought and landscape; conversation and perception; activism and contemplation; depths and distances. Alongside them, as driving engines of this visual conference, there are *supply lines* which, on a cursory analysis, are capable of bringing together design and geopolitics, macroeconomics and microhistories; production and exchange; exploitation and appropriation, regulation and everyday life.

The extensive reach of reflection on such these terms is completed by noting that we are hosted by a *museum* institution: the Brazilian edition of the visual conference titled *Provisões* [Supply Lines] speaks from inside the Pampulha Art Museum, in conversation with the museum, its staff and its visitors. Thus, *Provisões* suggests a different status for museums as platforms for research and shared recording of new artistic processes, and to present art as a border practice.

Artist-researchers “perform” the border¹ between art and other fields of research, proposing a construct that could be defined as exhibitiv-epistemological. Although a visual synthesis understood as aesthetic proposal is expected, the development of rich descriptive critical content sustains the search for hybrid languages around the processes of water, mineral ore, gold, rice, and property. We have a model for an artist that is not new in the course of art history, but is not commonly found in the current art system. By problematizing the issue of the work of art as *commodity*, it

não ser um modelo inédito no decurso da história da arte, sabemos que não é, de fato, muito frequente no sistema da arte atual. Problematizando a questão da obra de arte como *commodity*, ele testemunha o desejo de capacitação linguística para a imaginação de outras categorias de mundo.

Há claramente um olhar sensível para a diferença ou uma oposição à indiferença. O artista-pesquisador redireciona o seu pensamento e a sua prática para a condição precisa de formulação de instrumentos de entendimento do mundo, interessado que é em questões que não se apresentam diretamente ao campo de produção artística. Está aí proposto um desvio instrumental importante: conscientes da diversidade dos modos de produção do conhecimento, fazem disso uma reivindicação artística. Ora, estamos todos atentos ao fato de que a produção do conhecimento é quase sempre refém das dinâmicas econômicas, científicas ou políticas hegemônicas – ou não estamos?

Se a arte pode sim conformar uma expansão da linguagem epistemológica, alternativa ao conhecimento hegemônico da ciência, lugar para aquela experiência que não cabe no conhecimento científico e que normalmente é posicionada em categorias estéticas, poéticas ou simplesmente subjetivas, é necessário criar dispositivos capazes de religar conteúdo e contexto. Nesse lugar expositivo-epistemológico, assistimos a uma rede de pesquisas artísticas que se dão, inicialmente, em interrelação com territórios sociais acoplados a geografias artificiais diversas e distantes entre si. Tais territórios se conectam pelo viés da *invisibilidade política* ou da constatação de *desfabulação do território*. Um território desfabulado é o que silenciosamente restou da aplicação irrestrita da globalização como perversidade², dinâmica comum em partes do Sul sociológico do mundo³. Um território desfabulado é lugar de deteriorização e inércia. Recuperar a potência de fabulação do território é a tarefa empreendida pelo artista-pesquisador, promovendo a transformação do conjunto das pesquisas em um mapa movediço prestes a novas articulações espaciais de vozes, visualidades e discursos culturais fabuladores.

A paisagem socioespacial formada em torno da presença de recursos comumente chamados de *naturais* é o quadrante de interesse da pesquisa, superfície de comoção e ação crítica. Entretanto, problematizar justamente o termo *natural* também é necessário: a separação entre natureza e cultura ou entre natureza e sociedade foi empreendida pela *explicação* científica moderna, criadora da tradição da suposta relação de dominação entre sujeito e objeto e da presença objetiva, neutra, imparcial e impassível do pesquisador. Como ressalta o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, as categorias de Natureza e Cultura no pensamento ameríndio “não possuem o mesmo estatuto de seus análogos ocidentais; elas não

attests to the desire of linguistic capability for the imagination of other categories of world.

There is clearly a sensitive gaze for difference, or an opposition to indifference. Artist-researchers redirect their thinking and practice to the condition needed to formulate instruments for-understanding the world, interested as they are in issues that are not directly posed in the field of artistic production. What is posed there is a major instrumental deviation: aware of the diversity of modes of producing knowledge, they make an artistic claim of this. Now we are all aware of the fact that production of knowledge is almost always hostage to economic, scientific or hegemonic-political dynamics – or are we?

If art really can shape an expansion of epistemological language, as an alternative to the hegemonic knowledge of science, as locus for that experience that is not taken up by scientific knowledge and is normally positioned in aesthetic, poetic or simply subjective categories, then devices capable of reconnecting content and context must be created. In this exhibitve-epistemological locus, we now see a network of artistic research that initially takes place in interrelation with social territories attached to various artificial geographies separated by distance. These territories are connected by the bias of *political invisibility* or by recognizing a kind of *territory defabulation*. A defabulated territory is that which quietly remains after unrestricted application of globalization as perversity², as common dynamic in parts of the sociological South.³ A defabulated territory is a place of deterioration and inertia. Regaining the power of territorial fabulation is the task undertaken by the artist-researcher working for the transformation of all research into a shifting map, ready for new spatial articulations of voices, visualities, and cultural discourses.

The socio-spatial landscape formed around the presence of what are usually called *natural* resources is the quadrant of interest for research, a surface of commotion and critical action. However, the term *natural* has to be problematized as well: the separation between nature and culture, or between nature and society, was taken up by modern scientific *explanation*, which created a tradition of a supposed relationship of domination between subject and object and the objective, neutral, impartial, and unaffected presence of researchers. As noted by the anthropologist Eduardo Viveiros de Castro, in Amerindian thought the categories of Nature and Culture “do not have the same status as their Western counterparts, they do not point to regions of being, but rather to relational configurations, mobile perspectives, in short – points of view.”⁴ If nature and culture are now combined as inseparable and interdependent as *relational configurations*, then what apprehension,

assinalam regiões do ser, mas antes configurações relacionais, perspectivas móveis, em suma – pontos de vista.”⁴ Se natureza e cultura se encontram na atualidade como indissociáveis e interdependentes enquanto *configurações relacionais* - que apreensão, compreensão ou engenho podem vir a substituir a ideia moderna de *explicação*?

Sabemos o quanto a hegemonia do conhecimento científico moderno silenciou a multiplicidade dos recursos expressivos do mundo. No domínio da imagem artística a explicação nunca foi satisfatória ou unívoca. Questionada como redutora de perspectivas possíveis, a explicação é predatória da imagem artística: ela mesma é um breve exercício de linguagem, uma mera evidência da multiplicidade da expressão humana. Se nesse processo engenhoso de compreensão, a ciência é questionada por um lado, o senso comum da massificação jornalística também o é, por outro. E a arte, por sua vez, é questionada também, entendida agora como forma de investigação das *alteridades do espaço*, indicando o esforço contra-hegemônico de revelar um espaço *outro*, aquele que não se apresenta nos noticiários oficiais nem faz parte da agenda tecnocientífica dominante.

Provisões nos mostra um experimento coletivo interessado precisamente em inventar estratégias de observação nas quais o paradigma da ciência moderna é questionado e substituído imediatamente. Nessa substituição, o ato de observar e a invenção de linguagens de codificação daquilo que é percebido constituem o campo do trabalho artístico, sob área de risco filosófico e – até que enfim! – de risco estético. Esse conjunto dialogante de trabalhos de campo arriscados baseiam-se na tentativa de articulação de *repertórios em deriva*, vindos tanto das artes quanto da comunicação, do design, da química, da geografia, da arquitetura, da sociologia, da antropologia, etc.

Mas a arte como prática de fronteira não se imprime apenas nos modos de fazer, mas também nos lugares de disseminar, promovendo um esforço pedagógico de criar laços de comunicação, tradução e interrelação que expandem as fronteiras, também, do lugar expositivo. O lugar resultante é simultaneamente estético, acadêmico, filosófico, etnográfico, político. A armadilha de sentido que se nos apresenta, entretanto, é compartilhada conosco. Ela nos prepara para atuarmos como colaboradores nessa captura de sentido em processo. A pesquisa trata, por um lado, da investigação de linguagens audiovisuais capazes da apreensão das linhas de abastecimento e, por outro, da proposição estratégica de tornar visível e pronunciada a microscopia imbricada dessas linhas. Em outras palavras, produzir conteúdos mas, ao mesmo tempo, criar plataformas de atuação e compartilhamento de tal conteúdo. Um ato formal que lida com as informalidades vividas; que dá forma

compreensão, or ingeniousness can replace the modern idea of *explanation*?

We all know the great extent to which the hegemony of modern scientific knowledge has silenced the world’s multiplicity of expressive resources. In the field of artistic images, explanation was never satisfactory or unequivocal. Challenged as reducing agent of possible perspectives, explanation is a predator in relation to artistic images, itself a brief exercise of language, merely a sign of the multiplicity of human expression. Whereas on the one hand, science is challenged in this ingenious process of comprehension, on the other hand the common sense of journalistic dumbing down is challenged too. Art too is challenged, and now it is understood as a form of researching the *alterities of space*. It indicates the counter-hegemonic effort to reveal an *Other space* that is neither shown by official newscasts, nor integrates the prevailing techno-scientific agenda.

Provisões presents a collaborative experiment precisely interested in devising strategies for observation in which the paradigm of modern science is challenged and immediately replaced. In this substitution, the act of observing and the invention of languages to codify what is perceived constitute the field of artistic work, under an area of philosophical risk and – at last! – aesthetic risk. This dialogic set of risky fieldwork is based on the attempt to articulate *shifting repertoires* from the realms of the arts, communication, design, chemistry, geography, architecture, sociology, anthropology, etc..

Yet, art as border practice is impressed not only in ways of operating, but also in places of disseminating, driving a pedagogical effort to create bonds of communication, translation and interrelationship that expand boundaries of the exhibition venue as well. The resulting place is simultaneously aesthetic, academic, philosophical, ethnographic, and political. The trap for meaning that was posed for us, however, is also shared with us. It prepares us to act as collaborators in this process of capturing meaning. Research covers investigation of audiovisual languages capable of apprehending supply lines, on the one hand, and the strategic proposition of making the overlapping microscopy of these lines visible and pronounced on the other. In other words, producing content, but at the same time creating platforms for acting and sharing such content. A formal act that deals with informalities experienced, that lends shape to territorial experiences that do not belong to existing maps. Redrawing maps is the proposal, indeed! Not forgetting that the map has always been a place of power, but now of an insurgent rather than a colonizing power.

Physical place is therefore not exhausted in its condition of contemplative observation. On the contrary, we may see that it exists at the mercy of decisions,

às experiências territoriais que não pertencem aos mapas existentes. Redesenhar os mapas é a proposta, certamente!, sem se esquecer de que o mapa sempre foi um lugar de poder, só que, agora, de um poder insurgente em vez de um poder colonizador.

Assim, o lugar físico não se esgota na sua condição de observação contemplativa mas, pelo contrário, podemos perceber que ele existe à mercê de decisões, planejamentos e manejos reguladores provenientes de um centro de poder e controle internacional; são derivações mais ou menos diretas dos macrossistemas econômicos e das infraestruturas políticas internacionais. Estes são os lugares estudados, novos *sites* artísticos para os quais não basta a correspondência *non-site* como diálogo expositivo. Uma visualidade correspondente não basta pois o que está em jogo é justamente *o que a vista não alcança*, em oposição à noção de paisagem – *o que a vista alcança* – típica do binômio *site* e *non-site* da *Land Art* dos anos de 1960/70.

Os novos sites atuais não são desérticos e esvaziados da ação humana. O isolamento não é a sua essência. Eles são constituídos de pessoas que cotidianamente desenham o território com a sua presença transitória. Nesses territórios enraizados nas pessoas atuam artistas conscientes das ficções culturais e dos folclores científicos a que fomos todos submetidos, buscando invisibilidades paisagísticas a serem transformadas em construtos globais reorganizadores de dados oficiais e extra-oficiais, religando conteúdo e contexto.

ENDNOTES

1. Ver discussão sobre o vídeo-ensaio de Ursula Biemann *Performing the border* in BIEMANN, Ursula. *Fronteiras transnacionais*. Revista *Piseagrama*. n. 01. Jan 2010. Belo Horizonte: ICC, 2010. p. 18-22. **2.** SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Editora Record, 2001. **3.** SANTOS, Boaventura de Sousa. *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. **4.** VIVEIROS DE CASTRO, E. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 349.

planning and regulatory arrangements emanating from a center of international power and control; they are more or less directly derived from economic macro-systems and international infrastructure policies. These studied places are the new artistic *sites* for which *non-site* correspondence as expository dialogue does not suffice. A visual correspondence is not enough because what is at stake is precisely *that which sight does not reach*, as opposed to the notion of landscape – *that which the eye reaches* – typical of the *site* and *non-site* of 1960s-70s *Land Art*.

Today's new *sites* are not deserted or emptied of human intervention. Isolation is not their essence. They consist of people who routinely design territory with their transitory presence. In these people-rooted territories, there are artists active and aware of cultural fictions and scientific folklores to which we were all submitted, looking at landscape invisibilities to be transformed into global constructs that reorganize official and unofficial data, and reconnect context and content.

ENDNOTES

1. See discussion on video-essay *Performing the border*, by Ursula Biemann. In BIEMANN, Ursula. *Fronteiras transnacionais*. *Piseagrama* magazine, n. 1. January 2010. Belo Horizonte: ICC, 2010, p. 18-22. **2.** SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Editora Record, 2001. **3.** SANTOS, Boaventura de Sousa. *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. **4.** VIVEIROS DE CASTRO, E. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: CosacNaify, 2002, p. 349.